

O MÍTICO OFÍCIO DE ASSUNÇÃO

Por Wesley Barbosa

A poesia do paraibano José Antonio Assunção é, sem dúvidas, uma das mais ricas da literatura de nosso estado. Nome presente nos meios artísticos desde a década de 1970 (tendo participado do grupo de jovens artistas que deram vida à revista Garatuja), Assunção, antes mesmo de publicar sua primeira obra, já recebia uma significativa quantidade de leituras e análises. Com o passar dos anos, a fortuna crítica em torno do autor cada vez mais se adensou, com a contribuição de vários nomes significativos de nossa crítica (Elizabeth Marinheiro, José Mário da Silva, Antônio Morais de Carvalho e Milton Marques Júnior são alguns exemplos).

Compreendemos, portanto, que não assume simples tarefa aquele que busque, atualmente, estabelecer um olhar inédito acerca da obra do poeta em questão. Entretanto, aceitamos humildemente o desafio, não no intuito de lançar um grito isolado e pretensioso em relação às demais vozes que a analisaram, mas sim assumindo o papel daquele que, tendo colhido dos mestres acima, não se priva da oportunidade de também abrir, para possíveis interessados, mais uma porta de entrada para o estudo da rica poesia de Assunção.

Apesar de ter publicado pouco – *O câncer no pêssego* (Idéia, 1992) e *A trapaça da rosa* (Manufatura, 1998), além de possuir outra obra ainda inédita: *A casa do ser* – José Antônio Assunção mostra em seus textos os traços marcantes de uma cosmovisão bem definida e uma maturidade poética inquestionável. Deixando transbordar dos seus versos as vozes de um Pessoa, um Drummond, um João Cabral, um Camões, um Borges, ou mesmo os clássicos, a exemplo de Homero, o poeta paraibano não se alheia da imprescindível tarefa (para aqueles que se mostrem dispostos a produzir relevante e verdadeira poesia) de lançar um olhar *subjetivo* e transfigurador sobre a realidade, subjetividade esta que aqui se manifesta de maneira ímpar em nossas letras. Plural nos *leitmotives* com os quais produz seus poemas, Assunção contempla desde o mais universal dos temas, o amor (veja-se a primeira parte de *O câncer no pêssego*, *Nas crinas da paixão*), até a morte (a segunda parte da mesma obra, intitulada *O exercício de Sísifo*, é um exemplo, além, como bem lembra Hildeberto Barbosa em *Os labirintos do discurso*, de toda a obra *A Casa do Ser*), passando também pela metalinguagem (última parte de *O Câncer*, *Outro Exercício de Sísifo*, o exemplifica) e até pelo erotismo (como se vê no poema *Entre pérola e ostra*, na primeira parte da referida obra).

Um *leitmotiv*, no entanto, chamou-nos especial atenção, quando da leitura de *O câncer no pêssego*: o da “busca”. Assim, a partir de agora trilharemos um caminho que nos leve a esboçar um quadro acerca do modo como essa busca se dá na referida obra, a partir de três momentos diferentes, de acordo com as três partes do livro: no amor (primeira parte), no

próprio “eu” do poeta (segunda parte) e no fazer poético (terceira parte). Em todos esses momentos o mito está presente, mas está presente ressignificado, portando a dura capacidade de amplificar as angústias do eu lírico.

Não erraria aquele que definisse o ser humano como o ser que está em constante busca. Desde a nossa origem procuramos algo: respostas para nossa existência, avanços tecnológicos, novas terras, novos mundos, novas vidas. Por vezes essa busca chega ao nível da utopia, daí que idealizamos inúmeros eldorados, fontes da juventude, elixires, entre outras coisas ao longo de nossa história. Daí também surge o *mito*.

Poderíamos esboçar um conceito de mito partindo daquilo que vemos como sua maior característica: é fruto da necessidade humana de buscar explicações. Surge como uma forma de se responder a certas perguntas que não são possíveis de serem respondidas no âmbito racional. O homem olha para si mesmo e reconhece a própria incapacidade, fragilidade. Se reconhece fraco e busca o amparo: eis o mito, talvez a mais bela criação da humanidade. Ele parece ser a busca última, derradeiro refúgio para a espécie. Mas, e quando o mito, ao contrário de servir de refúgio apenas expõe nossas fragilidades? Que fazer quando reconhecemos no mito a inutilidade de nossas buscas? Como agir diante de Sísifo que, com seu eterno ofício sem valia, apenas nos faz enxergar que não há luz nem fim, no atro túnel em que nos lançamos?

José Antonio Assunção também se dá conta desta trágica sina. Mas antes, lança-se, desprendido, arriscando-se no labirinto do amor. Mesmo ciente da fragilidade do sentimento, o eu lírico doa-se, diferente do que fizera Ulisses, “num barco sem mastros / e tímpanos bem abertos”, ao canto das sereias (*O canto das sereias*, p. 13).

Eis aí o tema e o tom de *Nas crinas da paixão*, primeira parte da obra. De peito aberto o eu lírico se lança na “primeira busca” do livro. Busca-se o amor. Diríamos melhor ainda: busca-se o melhor modo de amar – “como fazer um teu poema / sem trair teu corpo, / esse teu cheiro de amêndoa?” (*Teu corpo*, p. 19). Dessa intensa busca por satisfação, realização amorosa, surge o desejo, materializado em poemas portadores de um perceptível caráter erótico. Os versos abaixo, retirados de *Entre beijo e bocas (ranhuras)*, podem exemplificar isso:

(I)

*Há mais que pérolas
na ostra que apertas
entre as coxas;
há bem mais que pérolas
no céu crustáceo*

dessa ostra.

(II)

*Entre teu sexo e tua boca,
o tempo de saber teu corpo
na ponta da língua. (p. 24)*

distância nenhuma:

Belíssimos versos em que o desejo, a paixão, parecem assumir o primeiro plano. O eu lírico busca a saciedade do corpo, sem saber que nisto mesmo pode residir o ácido que corrói o amor. Entra-se assim num jogo de altos e baixos, em que ora impera a mansidão e a fluidez do amor, ora o fogo e o espasmo da paixão. Entregando-se de corpo e alma a um sentimento que mescla pluma e pedra, flor e espinho, não resta ao poeta uma alternativa que não sofrer as conseqüências de sua entrega, expressa, como dissemos acima, no poema *O canto das sereias*.

Aos poucos o poeta vai dando-se conta das agruras do amor – “contradição de mar / e mangue; / convulsão de mitos / em céu de pântano” (*Entre mar e mangue*, p. 27) – e de quanto são traiçoeiras as amadas (*Bacante*, p. 31). Sem se enganar em nenhum momento, mas também não buscando exilar-se do sentimento, o eu lírico segue amando, embora demonstre não mais esperar, nos laços amorosos, o preenchimento das lacunas de seu ser.

Na segunda parte (*O exercício de Sísifo*) impera a busca pelo autoconhecimento: “agora eu me expurgo de mim mesmo / em busca do outro em que me encarcerou” (*O doublé*, p. 41). É aí que o mito ganha mais força. É aí que o poeta se reconhece Sísifo, em eterna e vã labuta. Veja-se um trecho do poema *O espelho de Sísifo* (p. 45):

*Busca o homem o indizível
Deus que o duplo enigma lhe desvende,
Esse: o da vida e o seu anverso.
Serei o espesso espelho
De Sísifo em seu um outro espelho, ou
Me perderá para sempre
O pó do tédio sobre o tempo?
(...)*

O homem busca desvendar o enigma da vida para poder ver-se a si mesmo

desvendado. O eu lírico que não se realizara totalmente no amor, conforme se viu acima, quando tratamos da primeira parte do livro, tenta achar em si mesmo as respostas de que necessita: “As minhas arestas, eis meu desafio. / Fio por fio vou me destecendo, / e onde mais cedo mais me artimanho. / Quanto de mim é diamante ou blefe?” (*Arestas*, p. 43).

Novamente, no entanto, a busca é vã. Novamente não logra êxito o eu lírico, aumentando ainda mais seu sentimento de incapacidade diante do mundo, da vida e de si mesmo. Daí a identificação com Sísifo, figura constante em todo o livro. Tal qual o mito grego que se via obrigado a, por castigo dos deuses, empurrar uma pedra para o topo de uma montanha e, tendo chegado enfim próximo de concluir a tarefa, a pedra rola novamente morro abaixo, fazendo-o recomeçar, o poeta reconhece a inutilidade de si, de seus atos, de suas buscas. Compreendemos ainda mais a dura sina de ambos quando percebemos que há, nos dois, a noção da inutilidade. Eles sabem que seu trabalho/busca é inútil. O poema *O exercício de Sísifo* (p. 50), dá-nos uma exata noção disso: “és todo Sísifo e porque Sísifo, / jamais escalarás o cume de teu ser”.

Não encontrando em si mesmo as respostas que busca, o eu lírico parece culpar o meio, o ambiente que o cerca, pelas suas angústias. Provavelmente por isso, em alguns poemas desta parte do livro, haja uma super-valorização de outras geografias. Passa-se a uma busca pelo novo, o exótico, como forma, talvez, de encontrar algo que o complete: “nunca te amaram Europas, Orientes / com seus feéricos paços e Sherazades (...) nunca um exotismo, sequer um Saara / que te furtasse ao sempre périplo / de teus mesmos tristes páramos” (p. 53). O clima persiste em outros poemas, como *Paris-Texas* (p. 58) e *Veneza* (p. 59). No primeiro, inclusive, já percebendo esse artifício também como algo inútil, professa dois dos mais belos versos do livro: “aos olhos de um homem em crise / toda geografia é o mesmo acidente”. Homem em crise, o eu lírico de Assunção dera-se à busca de novas geografias, numa tentativa de fuga, de evasão. Todavia, parece, em certo momento, perceber que essas geografias apenas lhe proporcionariam novos acidentes, não aqueles topográficos, geológicos, mas os acidentes frutos do olhar do poeta, já “fatigado”, como diria Drummond, por toda uma vida de percalços.

A “sísifa busca” de Assunção, todavia, não cessa: ao contrário, ganha novos matizes, recheados, como não poderia deixar de ser, com a mais bela poesia, conforme acontece com o poema *Natal, 1987* (p. 67). Aqui, o eu lírico já “menino antigo”, relembra o gesto perdido no tempo de vasculhar os sapatos na manhã de Natal. A busca, que normalmente deveria resultar em um sorriso alegre diante do presente, não tem resultado diferente das demais, já aqui narradas: o eu lírico, teimoso, insistente e, diríamos, disposto a assumir mesmo para sua vida o duro “ofício de Sísifo”, “suporta o presente”, mas o presente de sua vida, esse atual e angustiante momento de sua vida. O futuro? O último poema desta parte do livro responde,

em tom meio que apocalíptico: “além de mim / (e do escuro que me veste). / nada. / nem mesmo um gato” (*Soledade*, p.68).

A terceira e última parte do livro (*Outro exercício de Sísifo*) trata talvez da maior busca de todas: a busca da poesia. Predominantemente metalingüístico este momento da obra expressa o trabalho não apenas deste, mas de todos os poetas, que também se assumem Sísifos, na eterna luta (também vã, como já dizia Drummond) de lutar com as palavras.

O propósito do poeta agora é, não encontrando as desejadas respostas no amor, nem em si mesmo, ao menos, conseguir expressar-se, confessar-se ao mundo, talvez na esperança de encontrar leitores que com ele se identifiquem, que se assumam também, eternos carregadores de pedras: “o que quer o poeta, / senão ser lido? / ser lido e amado / por seu garimpo” (*Grafito*, p.72).

Assunção compara o fazer poético com um trabalho, um duro trabalho de avanços e retornos, de usos e reusos (*A pedra lavrada*, p. 76), continuando, assim, na sua identificação com a figura de Sísifo. Fazendo do mito adjetivo (*O sísifo silêncio*, p. 81), o poeta elenca alguns dos elementos com os quais seriam feitos os poemas: “de tempo e palavra”, “do não”, do próprio “enleio de Sísifo”, “do rum das amadas” e do “sísifo silêncio”.

Mas, teria o poeta, ao escolher como terceira e última grande busca a própria poesia, conseguido enfim encontrar as respostas que desejava? Será que este eu lírico clivado de angústias poderia, no fazer poético, encontrar um pacífico ancoradouro? O próprio poeta responde a esta pergunta, nos dois últimos poemas. Primeiro em *Duplo duelo* (p. 87), onde compara a palavra a um revólver, que precise ser armado, apontado e também, lógico, polido, limpo por dentro, ao passo que é áspero por fora. Porém, no momento do confronto, no instante do *bang* (como diria Antonio Moraes de Carvalho em seu poema *Pensação*), a palavra vez por outra encalha, sem conseguir ser disparada pela língua falha (revisitando aqui, inclusive, Bilac e Augusto dos Anjos). Por fim, em (*Desfecho ou tradução*) (p.89), o poeta confessa-se, pela terceira vez, derrotado:

*Nada me ocupa mais que a palavra
E toda palavra me culpa.
Nada me atrai mais que a palavra
E toda palavra me trai.*

No plano da microestrutura, os elementos lingüísticos utilizados apenas reforçam a constituição de *leitmotive* ligados à busca. Incontáveis são as vezes em que são utilizados elementos que remetem à pergunta, à dúvida: pronomes interrogativos (“Qual o suporte do pacto amoroso?” – p. 27) e o próprio sinal de interrogação (“onde guardavas, então, / essa

líquida reserva?” – p. 76) são exemplos. Dois pontos (“eis o estóico mundo” – p. 63), apostos, hífen, surgem com o objetivo de trazerem consigo algumas respostas, que logo são demonstradas ilusórias pelos advérbios de negação (“nunca te amou o inelutável” – p. 53) e as conjunções adversativas (“mas, não:” – p. 30). Já os verbos, majoritariamente no presente (“busca o homem o indizível” – p. 45), atestam uma consciência que, tentando superar o passado e sabendo inútil sonhar o futuro, já sabido sombrio, apenas vive o presente, tentando se reerguer enquanto espera a próxima queda (“Agora eu me expurgo de mim mesmo” – p. 41). Já os adjetivos refletem o quão duro e obscuro é o destino do poeta (“pesadas”, “perdido”, “férrea”, “inútil”, além da própria adjetivação de Sísifo – “sísifo silêncio”).

Enfim, trilhamos aqui mais um caminho rumo à fértil seara da poesia de José Antônio Assunção. Nosso percurso analítico, dividido, conforme o livro, em três partes, não indica uma rígida divisão de temas na obra. Ao contrário, os três principais temas que encontramos apenas são mais recorrentes em determinado momento, mais não deixam de perpassar toda a obra, assim como a recorrência ao mito. Esperamos ter dado mais uma contribuição, embora modesta, não apenas para a fortuna crítica sobre o autor, mas também para a divulgação de sua obra para as novas gerações de leitores e estudantes. É preciso que adotemos, também, o ofício de Sísifo: buscando e rebuscando, incontáveis vezes, adentrar o reino da poesia, de que Assunção é bravo guardião, ainda que, assim como acontece com este poeta em *Duplo duelo*, não saibamos, satisfatoriamente, engatilhar a arma.